

TRAJETÓRIA E PROTAGONISMO DE MULHERES DENTRO DA UNIVERSIDADE: UM OLHAR DE CURA E LIBERTAÇÃO FEMININA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-214>

Data de submissão: 14/04/2025

Data de publicação: 14/05/2025

Amanda Mendes Soares

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ Parintins (2020–2024). Professora da Educação Infantil na rede municipal de educação em Parintins/AM. Membro e pesquisadora do Grupo Contracolonial de Pesquisa em Artes, Educação e Psicologia- Encruzilhadas Amazônicas (ICSEZ-UFAM). Técnico em Administração – IFAM/Campus Parintins (2017–2019). Email: juliesoaresmendes@gmail.com.

Fernanda Priscila Alves da Silva

Professora Orientadora: Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo PPGC/UNEB. Mestrado em Educação e Contemporaneidade pelo PPGC/UNEB. Mestrado em Teologia pelo PPGEST.

Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Teologia de Juiz de Fora. Membro e pesquisadora do Grupo de pesquisa: Educação, desigualdades e diversidades (PPGEC/UNEB).

Membro e pesquisadora do Grupo Contracolonial de Pesquisa em Artes, Educação e Psicologia- Encruzilhadas Amazônicas (ICSEZ-UFAM). Membro e Pesquisadora do Grupo de Estudos Família, (Auto)Biografia e Poética (FABEP), da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). E-mail: feracatejo2@gmail.com.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo pesquisar e analisar sobre o protagonismo de mulheres dentro da universidade pública, no Baixo Amazonas, considerando, sobretudo, movimentos de cura e libertação na comunidade de aprendizagem. Ancorados no pensamento de bell hooks que estabelece conexões entre cura, libertação e comunidade de aprendizagem, compreende-se que o espaço educacional, para além da aprendizagem é também espaço de educação para a consciência crítica. A educação possibilita que sujeitos históricos ecoem suas vozes marginais e busquem a partir da coletividade e do engajamento a transformação de si e da realidade. Desse modo, o estudo buscou entender como se dá a trajetória de escolarização de mulheres e homens pertencentes à Universidade Federal do Amazonas, no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. Metodologicamente, o estudo considerou: diário de pesquisa, as conversas, as rodas de conversa e a escrita narrativa. Desse modo, nove estudantes foram convidados a participar de um grupo de estudos que, durante o período de um ano, se reuniram para conversar, ler, escrever, e narrar suas histórias de vida e estudantil. Os dados apresentados configuram-se em percepções e elaboração da pesquisadora responsável pelo projeto. Foram, portanto, considerados as narrativas e escritas de si, a partir da perspectiva metodológica epistemológica dos estudos (auto)biográficos em educação, narrativas de si e epistemologia feminista negra, tendo como referência teórica principal bell hooks. Os registros do estudo foram feitos no diário de pesquisa em forma de escrita narrativa durante as conversas, rodas e tempos de escrita de si dos participantes da pesquisa. Depois foram transcritas para o computador e feitas escolhas para poder emergir no trabalho de pesquisa. Os resultados do estudo revelam três categorias importantes: cuidado institucional, ciclo Maria, ancestralidade. Estas categorias nos permitem vislumbrar que o ecoar destas vozes amazônicas, o reconhecimento de suas trajetórias de vida e percursos formativos são cruciais no interior da Universidade. Este espaço pode ser espaço de cura e libertação. A Universidade contra hegemônica e contra colonial, por meio de propostas

libertadoras, críticas e engajadas podem possibilidades a construção de comunidades de aprendizagens, onde as pessoas podem de fato ser sujeitas e protagonistas de suas histórias.

Palavras-chave: Trajetórias. Protagonismo. Mulheres. Comunidade de aprendizagem. Cura.

1 INTRODUÇÃO

A presença de mulheres dentro das universidades está acompanhada de uma dimensão social muito além das questões de gênero, estão entrelaçados a todos os fatores que implicam em suas participações dentro das instituições e que recorrentemente refletem nos desafios de permanência dentro desses espaços. Devemos entender que as salas de aula das universidades abarcam muito mais do que meras cidadãs em formação, englobam uma diversidade de trajetórias de vidas marcadas por raízes violentas, racistas, misóginas, desiguais e discriminatórias.

Mas em até que ponto essas trajetórias são ouvidas e tidas como modo de protagonismo? Muito se fala sobre oferecer práticas educacionais que sejam pontes emancipatórias, libertadoras, no entanto, é preciso analisar de que forma isto é viabilizado dentro das universidades, se de fato estendem, para mulheres, um olhar de sujeitas, e não como objetos do processo.

bell hooks (2017) trabalha com o conceito de pedagogia engajada enfatizando valorização da expressão do aluno, respeitando e protegendo sua essência e sua história, a fim de tocar o seu íntimo e propiciar uma melhor experiência de aprendizagem. Essa pedagogia engajada é a possibilidade de estabelecer um campo seguro e acolhedor para que mulheres, sejam elas pretas, indígenas, quilombolas, amazônidas, mães, LGBTQIPA+, estudantes, militantes e feministas, vejam na diversidade e na universidade, um local que as entendam muito mais além dos parâmetros institucionais. Um ambiente onde contenha espaço de fala e escuta, para que nesse processo se sintam incentivadas a começar suas fases de curas e libertação, entendendo suas trajetórias escolares e se encontrando entre seus atravessamentos, formando um fortalecimento e protagonismo coletivo entre mulheres.

A pedagogia engajada parte da realidade de cada estudante, visando à participação integral de cada um, em um trabalho de vias duplas para possibilitar uma comunidade de aprendizagem múltipla e diversa. São através dessas comunidades de aprendizagem que veremos o movimento de ação da construção do pensamento crítico e do soar de vozes que querem se libertar das amarras impostas em suas trajetórias. Dessa forma, este trabalho visa observar as vivências e experiências dentro de um grupo de estudos que trabalha e encoraja essas múltiplas facetas femininas dentro de universidades públicas, em Parintins-AM, fazendo um diálogo com as ideias visionárias de bell hooks.

O presente estudo está estruturado da seguinte maneira: introdução- apresentaremos o contexto, formulação do problema e a justificativa para o estudo. Em seguida, veremos os objetivos da pesquisa, entendendo melhor as finalidades. Referencial teórico- examinaremos os principais conceitos e teorias relacionados ao tema, fornecendo o embasamento teórico necessário para a análise. Metodologia- veremos os métodos e procedimentos utilizados para a coleta e análise de dados, detalhando a

abordagem adotada para responder às perguntas de pesquisa. Resultados e análises- visualizaremos os dados obtidos na pesquisa, organizados e discutidos conforme os objetivos estabelecidos. Interpreta os resultados, destacando as implicações e possíveis contribuições para o campo de estudo. Considerações finais e referências.

2 OBJETIVO GERAL:

- Analisar e potencializar o protagonismo de mulheres dentro da universidade, fazendo um movimento de cura e libertação por meio de uma comunidade de aprendizagem.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Entender como se dá a trajetória de escolarização de mulheres pertencentes ao grupo de estudo institucional;
- Debater sobre temas que instiguem o pensamento crítico e que dialogam com suas vivências;
- Promover espaço de diálogos e escutas para que seus anseios sejam compartilhados, buscando a cicatrização pela oralização e partilha coletiva.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, exploraremos os conceitos e teorias centrais que fundamentam nossa pesquisa. Abordaremos temas como: 3.1 Comunidade de aprendizagem dentro do grupo de estudos: trajetórias, protagonismo e quebra de silêncios; e 3.2 Dizer a própria palavra: movimentos de cura e libertação feminina. Dessa forma, analisando suas definições, desenvolvimentos com a problemática e implicações para o campo de estudo. Esta análise teórica fornecerá uma base sólida para entender as questões centrais da nossa investigação e servirá como referência para as discussões subsequentes.

3.1 COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM DENTRO DO GRUPO DE ESTUDOS: TRAJETÓRIAS, PROTAGONISMO E QUEBRA DE SILÊNCIOS

O grupo de estudos surge na tentativa de pensar em um espaço seguro e confortável para que estudantes pudessem construir e reconstruir novos saberes, debater sobre pontos que permeiam a esfera social, onde pudessem fazer partilhas de suas trajetórias, fortalecimentos e protagonismos. Um espaço humanamente revestido de acolhimento para se pensar o eu, o nós, eles e elas. Mas como poderíamos construir de tal maneira que fugisse do habitual da Universidade, sem formalidades, sem prazos prévios, cobranças e julgamentos rasos?

É nesse movimento de perguntas que o grupo de estudos se ampara nas ideias de bell hooks para que este não seja somente um “grupo de estudos”, mas sim uma comunidade de aprendizagem pautada em uma pedagogia engajada. Comunidade de aprendizagem e pedagogia engajada são dois conceitos cunhados por bell hooks (2020), teórica feminista, professora, autora, inquieta com a luta antirracista estadunidense. Sua obra tem nos apresentado perguntas sobre quem somos, processos de aprendizagem, protagonismo e engajamento, sobretudo, a partir das experiências e vozes de mulheres e pessoas negras.

A pedagogia engajada cria um ambiente, nesse caso a comunidade de aprendizagem, em que o/a aluno/a pode performar de maneira íntegra, por inteiro, sem disfarces e livres do medo do erro, do julgamento. A pedagogia engajada para hooks (2020) é uma estratégia de ensino que busca instigar o pensamento crítico do/a aluno/a, trazendo para roda os saberes particulares de cada um, possibilitando o reconhecimento de novas perspectivas, a desconstrução de conceitos e reconstrução de novos.

Dentro dessa comunidade de aprendizagem, todos podem ser vulneráveis, sensíveis e falhos. Todos partilham, analisam e debatem em um movimento coletivo, de participação mútua e, consequentemente, de evolução, aprendizados e compartilhamento de saberes. hooks (2020) defende o processo de compartilhar, conhecer e receber histórias uns dos outros, pois acredita que dessa maneira construiremos uma conexão íntima de nossas mentes e nossos corações, ou seja, sendo propriamente uma comunidade de aprendizagem.

É nessa perspectiva que valorizamos, na presente pesquisa, trajetórias de mulheres diversas que fazem parte de nossa comunidade de aprendizagem. A cada trajetória de vida, percebemos a importância de nos permitirmos olhar umas às outras além das aparências, além de suas defesas para esconder aquilo que as silenciam. Neste espaço, evidenciam-se os processos de cada sujeita participante. Tais processos influenciam e agem de múltiplas maneiras nas ações acadêmicas de nossas interlocutoras. A pobreza, a fome, a violência, a discriminação, o preconceito, o abandono, são alguns marcadores sociais que permeiam esses corpos e chegam a paralisá-los.

Ao partilharem suas histórias, ao se permitirem contar questões que por muito tempo foram segredos íntimos, elas reconhecem sua força, sua habilidade de resiliência e entram em um movimento coletivo e, ao mesmo tempo, individual de cura e libertação feminina. hooks (2020, p. 93) acredita que o ato de falar e ouvir, possibilita a cura do ser, pois:

Histórias também nos ajudam a cicatrizar. De várias formas, quando pessoas procuram terapeutas, grande parte do que acontece é contação de história. Um terapeuta pode escutar as histórias de seu paciente e tentar mostrar conexões entre passado e presente como uma forma de fomentar a cura.

A quebra do silêncio é necessária, dilacerante, porém decisiva para o início de reconciliação com o seu íntimo. É também por meio das análises de passado e presente que cada interlocutora percebe o seu caminho como protagonista de sua própria história e como isso reflete dentro da universidade. Vivenciar e lidar com tantos determinantes sociais e pessoais, ao mesmo tempo sendo uma mulher estudante dentro da academia, trazendo ancestralidades amazônicas, indígenas, negras e maternas. Tudo isso envolto de suas responsabilidades e compromissos como acadêmica. Mas também demonstrando sua participação e representatividade nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Mulher estudante, mulher poeta, mulher pai, mulher mãe, dona de si, militante, dançarina, lésbica, bissexual. Como reconhecer a sua palavra? Quais são os espaços na Universidade e fora tem permitido o ecoar de suas vozes?

3.2 DIZER A PRÓPRIA PALAVRA: MOVIMENTOS DE CURA E LIBERTAÇÃO FEMININA

A pobreza, a fome, a violência, a discriminação, o preconceito, o abandono. Em cada palavra, uma forma de silenciamento. Dizer a própria palavra deveria ser fácil, afinal, é a sua palavra. Se fosse fácil, não existiriam tantos silêncios seguidos de reticências. Dizer a sua palavra tem sido um conceito presente em toda a obra de Paulo Freire e significa transformar o mundo. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1970) denuncia e reconhece as situações-limites presentes no mundo e na educação, de modo que o sistema de exploração ao qual estamos inseridos tem inviabilizado a possibilidade de muitos sujeitos de “ter voz” ou ainda de “dizer sua palavra”. Assim, “dizer a palavra, nesta perspectiva, é um direito humano de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir e optar, não podendo ser privilégio de alguns poucos que dominam a maioria” (Bastos, 2008, p.145).

Mas dizê-la e afirmá-la é a certeza de que vivenciará novamente o caminho pelo qual calou você todo esse tempo. No entanto, “falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma sujeito.” (hooks, 2019, p.45). Mesmo que o processo seja doloroso, é necessário falar, pois somente assim nos tornaremos sujeitas de nosso processo, teremos voz, logo, teremos força. A partir desta força, o processo de cura flui na certeza de que, gradualmente, as feridas se cicatrizarão e já não machucará na mesma proporção de antes, de quando aquela dor ficava em um lugar tão profundo que era difícil de ser palpável, mas passivamente agressivo em suas particularidades.

Identificar a voz de sujeita é a possibilidade de renascimento de uma mulher livre. hooks (2020, p. 38-39):

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio de cura, que possibilita uma vida

nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito- a voz liberta.

É por tamanha essencialidade que analisamos as trajetórias de escolarização de cada uma das participantes. De fragmento em fragmento, percebemos ondas sonoras de nossas vozes perdidas em meio aos anseios que carregamos. Aos medos e monstros que fantasiam nossos opressores. Falar, então, se torna um ato de coragem e resistência, segundo hooks (2019, p.50):

A luta para acabar com a dominação, a luta individual para se opor à colonização, deslocar-se de objeto para sujeito, expressa-se no esforço de estabelecer em voz libertadora- aquela maneira de falar que não é mais determinada por sua posição como objeto, como ser oprimido, mas caracterizada pela oposição, pela resistência.

Então, esse caminho em busca da voz libertadora, em busca de dizer a própria palavra é a expedição pessoal que cada uma traça para recuperar a própria história, se olhando e se reconhecendo como uma nova mulher, partindo de uma ótica mais ampla de si mesma. Não mais reduzidas aos traumas, violências e abusos. É de fato um processo de cura e libertação feminina na medida em que se autorrecupera. Seja por ter sido silenciada na infância, na adolescência, na fase adulta, ou por também carregar a fragmentação e o silenciamento de vozes ancestrais, de Marias, Esmeraldas e Anas que sonharam com a educação, em poder conhecer a própria voz, mas que foram caladas eternamente no tempo.

4 METODOLOGIA

Em termos metodológicos e epistemológicos trata-se de uma pesquisa que se fortaleceu na perspectiva crítica, dialógica e interativa por considerar a Universidade como espaço atravessado por diferenças e diversidades, contradições e possibilidades. A metodologia foi desenvolvida considerando as seguintes etapas: na primeira etapa foi realizada revisão de literatura e estudo da arte sobre estudos que tratem do protagonismo das mulheres na universidade e obra de bell hooks e Paulo Freire, autores fundamentais no presente estudo; no segundo momento foi fomentada a construção de um grupo de estudos e narrativas/escritas de si com estudantes que aceitaram contar e narrar suas trajetórias de vida e escolarização, e no terceiro momento, foram realizadas as análises e levantamento das categorias emergentes no processo de escrita e narrativa de si, tanto da autora do estudo aqui apresentado quanto dos estudantes, professores em formação participantes de grupo/ comunidade de aprendizagem.

Sendo assim, esta pesquisa nasceu a partir de uma inquietação da autora, que por sua vez, é uma mulher estudante amazônica que também tece a sua história por meio das narrativas dialógicas com as de outras mulheres. Dessa forma, a autora convidou nove estudantes para fazerem parte de um

grupo de estudos de narrativas/escritas de si, de forma seleta, tendo discentes de diferentes cursos na faixa etária de idade entre 20 a 35 anos, sendo seis mulheres e três homens amazônicas, pretas (os), indígenas, quilombolas e LGBTQIAPN+. O grupo se reuniu uma vez ao mês e contou com a partilha de trajetória de vida e escolarização de um membro participante. Após a partilha, fez-se a socialização sobre a narrativa ouvida e eram levantados pontos em comum, de encontros e desencontros. Foram externados dores, superações e anseios. A proposição da formação do grupo, enquanto estratégia metodológica se constituiu nesta pesquisa como lócus de desenvolvimento do estudo. Neste espaço, os sujeitos narraram suas trajetórias escolares, vivências e construção de si. Nesse sentido, evidenciaram-se os processos de cada sujeito participante. Tais processos influenciam e agem de múltiplas maneiras nas ações acadêmicas de nossos interlocutores. Dessa maneira, a presente pesquisa tem como ponto de encontro o grupo de estudos, onde é vivenciado partilhas e fortalecimentos de histórias e trajetórias diversas.

O percurso metodológico e epistemológico deste estudo foi pautado na construção do pensamento crítico e da pedagogia engajada, estratégia atravessada pela dialética dialógica, ou seja, reconhecimento das contradições do vivido e das leituras que fazemos da vida e realidade. O pensamento crítico foi nesta proposta metodológica, “um processo interativo, que exige a participação” (hooks, 2020, p. 34). Por meio da partilha das vivências, ecoar das vozes, compartilhamentos dos saberes e interação do processo de aprendizagem, construção e desconstrução foi sendo construído.

Enfatizamos, então, que a metodologia está pautada na perspectiva de pesquisas (auto)biográficas (Passegi, Souza; Vicentini, 2013), narrativas de si (Josso, 2004) e epistemologia feminista negra (Collins, 2019), tendo como referência teórica principal bell hooks (2020,2019). De um lado, tivemos como base os princípios epistemológicos e metodológicos da pesquisa (auto)biográfica em Educação que adotam como pressuposto as narrativas de si, orais e escritas de si e de outro, o pensamento feminista negro, como grande propulsor do reconhecimento das mulheres negras como agentes de conhecimento da realidade e da própria vida. O pensamento feminista negro, segundo Collins (2019), constitui um projeto de conhecimento que examina a produção intelectual das mulheres negras (em nosso caso, também das mulheres indígenas) em resposta aos desafios específicos enfrentados em suas realidades.

Para fins de análise de dados, considerados as anotações, o diário de campo, as conversas e encontros do grupo de estudos. As escritas e narrativas de si da autora e dos demais participantes configuram o modo de coleta de dados neste estudo. Consideramos que as pesquisas (auto)biográficas adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de coleta de dados, sendo possível ser

grupadas por meio de documentos pessoais (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as narrativas, que podem ser orais ou escritas.

5 ANÁLISE DE DADOS

5.1 NÓS, O POVO MARIA!

*“Afastem o racismo e o machismo que nós vamos passar
Aqui caminham as indígenas que não puderam colonizar!” – Os Baiás*

Falar de vidas requer cuidado e sensibilidade para abstrair sua essencialidade sem ocultar a subjetividade de cada um. E quando essas vidas são vozes-mulheres, precisamos olhar a partir de uma ótica mais sensível ainda, pois majoritariamente são atravessadas por muitos desafios e realidades historicamente construídas. Dessa maneira, não poderia deixar de apresentar os dados sem proporcionar um elo poético e ancestral. Para deixar registrado, as trajetórias de vida e análises acerca das reflexões levantadas no decorrer deste projeto, foram discorridos usando analogias amazônicas e poéticas para proporcionar uma ponte intimista e honrosa entre as sujeitas do estudo e seus caminhos trilhados até aqui.

Na região amazônica, acredita-se na lenda das icamiabas que foram um povo indígena composto apenas por mulheres guerreiras, na região do baixo amazonas, às margens do Rio Juruá no município de Nhamundá. Elas guerreavam e lutavam contra os colonizadores que ousassem ameaçá-las. Elas acreditavam e mantinham um legado matriarcal, onde se fortaleciam em irmandade, energia vital e eram mulheres de muita coragem. Reverenciavam a lua por representar proteção e sabedoria a elas. Seus únicos aliados eram os guerreiros Guacaris que contribuíam para que elas procriassem.

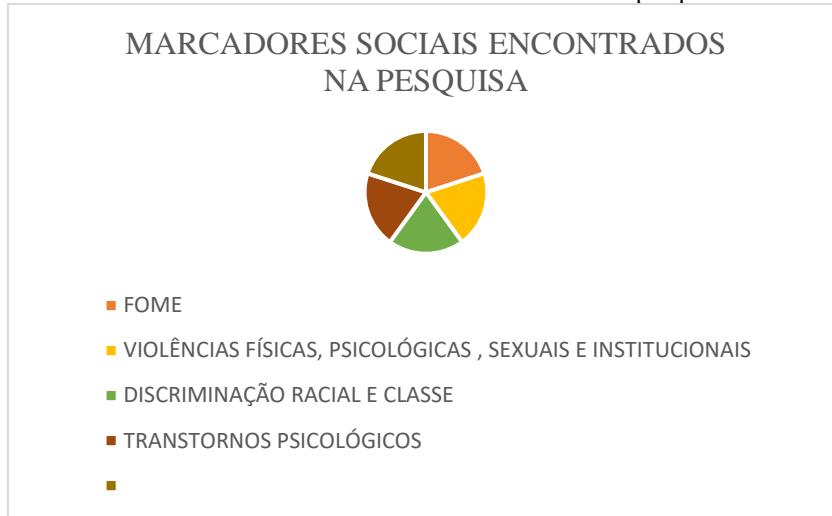
Neste estudo, as mulheres representarão cada uma das icamiabas, mulheres de fibra e coragem. E os homens, os guerreiros guacaris que neste espaço não tomarão lugar de procriadores como na lenda, mas sim de fortalecedores e guardiões do povo feminino, representando os corpos masculinos que fazem a quebra da generalização do estereótipo violento designado a homens.

No presente trabalho, não serão apresentadas a escrita das trajetórias. No entanto, é importante registrar a grandiosidade e a representatividade de cada uma dessas histórias, que têm um valor imenso para a nossa universidade e para a compreensão das diversas experiências relatadas. Cada trajetória oferece uma perspectiva única e enriquecedora, e, para ilustrar a riqueza desse material, apresentamos os nomes fictícios atribuídos às histórias selecionadas: Conorí Puyara- uma jovem mulher com a força e liderança de uma tuxaua; Flor de Mandacaru- um exemplo de força, esperança e coragem; Poty Poran, a bela flor sonhadora do Alto Solimões; Iacy Uaruá, a serena sabedoria de uma mulher com a “estranya mania de ter fé na vida”; Waikiru, a estrela que brilha na terra; e Naruna, a presença valente

da mulher na Amazônia. Além disso, ressaltamos a importância das vozes masculinas no estudo, com destaque para Muiraquitã, a proteção e superação de um bravo guerreiro; Okurin Orê, o homem bondade; e Beija-flor, o codinome de um guerreiro reluzente. Cada uma dessas trajetórias contribuiu de maneira significativa para o entendimento e a valorização das experiências individuais e coletivas que exploramos..

6 O QUE AS TRAJETÓRIAS NOS REVELAM?

Gráfico 1 – Marcadores Sociais encontrados na pesquisa

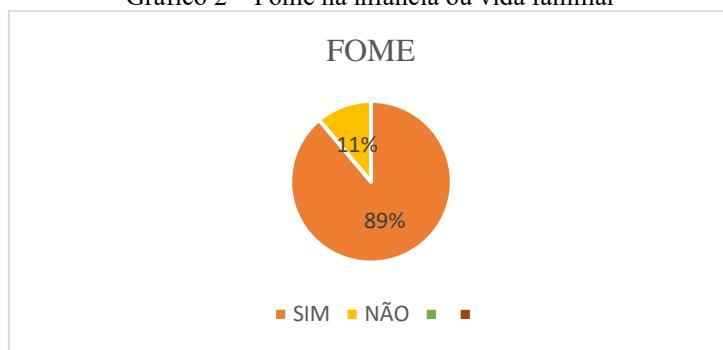


Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O projeto sobre as trajetórias de estudantes na universidade envolveu a participação de nove indivíduos, sendo seis mulheres e três homens. A análise das experiências relatadas revela um panorama complexo e multifacetado das adversidades enfrentadas por esses estudantes, refletindo aspectos profundos de suas vidas, incluindo fome, violências físicas, psicológicas e sexuais, discriminação racial e de classe, e transtornos psicológicos, como representados no gráfico acima.

6.1 FOME NA INFÂNCIA E NA VIDA FAMILIAR

Gráfico 2 – Fome na infância ou vida familiar



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Dos nove participantes, oito relataram, tanto por meio de partilhas durante encontros, quanto nas suas trajetórias, ter enfrentado períodos de fome durante a infância ou em momentos críticos da vida familiar. A fome é um fator crucial que pode ter impactos de longo alcance no desenvolvimento psicológico, social e acadêmico dos indivíduos. Para muitos, a falta de alimentos suficientes não é apenas uma questão de privação física, mas também um reflexo das desigualdades econômicas e sociais.

A experiência de fome nos leva a sentimentos de insegurança e ansiedade. Para os estudantes, essas experiências podem criar uma sensação persistente de instabilidade e medo. A fome marca nossas vidas e nossos corpos, brinca com nossa dignidade e força de vontade para tentarmos caminhos diferentes. Quem tem fome, tem pressa para sobreviver. A fome escancara uma ferida geracional, pois evidencia ciclos e ciclos familiares que compartilharam da fome e de más condições alimentares. Ela pode também afetar a capacidade dos indivíduos de se engajar plenamente em suas atividades sociais. Nesse sentido, insegurança alimentar fortalece a diminuição das oportunidades educacionais, perpetuando ciclos de pobreza.

6.2 VIOLÊNCIAS E SEUS EFEITOS

Gráfico 3: Tipos de violência enfrentados pelos participantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Todos os nove participantes relataram ter enfrentado diferentes formas de violência em suas trajetórias. Todos os corpos participantes deste estudo carregam marcas e feridas ainda abertas causadas pela presença da violência, seja na sua forma física, psicológica e sexual. Em sua maioria, sofreram as primeiras violências durante a infância e se perpetuaram durante suas adolescências.

A recorrência de abusos sexuais na infância foram maiores que quaisquer outros marcadores sociais presentes nas trajetórias. O fator principal observado nas análises é que seus agressores geralmente eram do convívio familiar ou de pessoas próximas. A recorrência em corpos femininos destacou violências como essas presenciadas por suas mães e avós. Corpos femininos sofrendo com a

força dessa tentativa de homicídio espiritual, pois é assim que mulheres se sentem ao serem invadidas e violadas. Uma “quase morte” ou uma morte a passos lentos de sua alma.

Em outra perspectiva, presenciamos um tabu que necessita ser quebrado no que diz respeito à violência sexual tendo homens como vítimas. Dois de nossos homens participantes do grupo institucional relataram a experiência e trauma de abusos em suas infâncias e adolescências. Um desses corpos masculinos é de um homem gay e que teve três recorrências dessa violência. Será que a cultura do machismo chegou ao ponto monstruoso que os fizeram acreditar que esse corpo era liberado para fazerem quaisquer asquerosidades? Ou acreditam que esses corpos merecem serem violados?

bell hooks (2022) faz uma importante discussão sobre masculinidades, sobretudo a partir das experiências e vivências de homens negros. Neste sentido, é crucial considerarmos as implicações da cultura patriarcal supremacista branca capitalista na vida de homens negros. Desse modo,

Na cultura patriarcal, todos os homens aprendem um papel que restringe e confina. Quando raça e classe entram em cena junto com o patriarcado, os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero (HOOKS, 2022, p. 33).

Foram fatores que andaram de encontro ao fato de que homens não acolhem homens quando diz respeito a esses debates. Nossos participantes nunca sentiram que poderiam ser acolhidos caso dissessem sobre o que estavam passando. Até porque, em casos de homens heteros, falar sobre os abusos poderia significar o fim de suas masculinidades.

As violências físicas e psicológicas podem ter efeitos devastadores na saúde mental e no bem-estar geral, como reconhecido pelas vivências de nossa comunidade de aprendizagem. Experiências repetidas de violência, seja por terem crescido vendo sua mãe sofrer ou por ter experenciado, podem levar ao desenvolvimento de transtornos como depressão e ansiedade.

A violência institucional, como discriminação e marginalização, pode afetar a qualidade de vida e o acesso às oportunidades. Estudantes que enfrentam tais formas de violência podem sentir que suas necessidades e potencial não são reconhecidos ou validados pelo sistema educacional, como ocorrido com uma de nossas participantes ao ter sua pesquisa desvalidada e destratada dentro das mediações institucionais.

6.3 DISCRIMINAÇÃO E SEUS IMPACTOS

Gráfico 4 – Incidência de discriminação nas trajetórias acadêmicas



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Sete dos nove participantes mencionaram ter vivenciado discriminação em suas trajetórias. A discriminação pode se manifestar de várias formas, incluindo discriminação racial, de gênero, econômica e social.

A discriminação racial, de gênero, econômica e social impactou profundamente a vida de estudantes, marcando suas trajetórias de maneira negativa e duradoura. A experiência de discriminação como relatadas nas trajetórias, seja através de olhares, piadas ou indiretas, não apenas prejudica a autoestima e a identidade desses estudantes, mas também os força a se conter e a adotar medidas extremas para evitar o sofrimento.

Quando um estudante enfrenta discriminação racial, a sensação de inadequação e exclusão é constante. Olhares de julgamento e comentários disfarçados de piadas minam a confiança desses estudantes e os fazem questionar seu valor no ambiente acadêmico. Essa hostilidade corrói a autoestima, levando a uma luta constante para provar seu valor e merecimento. O sentimento de não pertencer pode resultar em comportamentos defensivos, como o isolamento social ou a evitação de atividades acadêmicas e sociais, como uma forma de evitar o desgaste emocional e a dor associada ao preconceito racial.

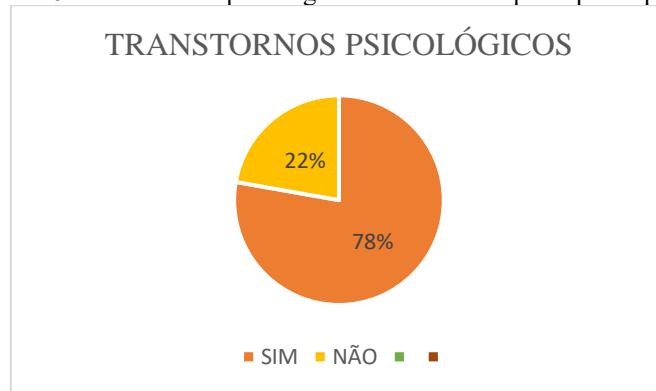
Da mesma forma, a discriminação econômica pesa significativamente sobre os estudantes com recursos financeiros limitados. Experiências de uma infância empobrecida podem gerar um sentimento de indignidade em relação aos colegas mais abastados, levando a uma menor participação em atividades que envolvem custos. Essa exclusão econômica não só restringe o acesso a oportunidades acadêmicas e profissionais, mas também intensifica a sensação de inadequação e falta de pertencimento.

Ambas as formas de discriminação, racial e econômica, têm efeitos duradouros sobre a identidade e a saúde mental dos estudantes. Internalizar mensagens negativas pode levar a uma

percepção distorcida de seu próprio valor e potencial, o que é alarmantemente preocupante. Esse impacto se manifesta em uma autopercepção negativa e em uma hesitação em buscar novas oportunidades, prejudicando tanto o desempenho acadêmico quanto as perspectivas futuras. A necessidade de evitar situações que possam resultar em novas experiências de discriminação força esses estudantes a tomar atitudes extremas, como se afastar de oportunidades e ambientes que poderiam ser benéficos para seu crescimento pessoal e profissional.

6.4 TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS E SUAS REPERCUSSÕES

Gráfico 5 – Transtornos psicológicos mencionados pelos participantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Sete participantes relataram ter enfrentado transtornos psicológicos de diversas naturezas. Esses transtornos estão relacionados às experiências de fome, violência e discriminação que eles vivenciaram.

Todos os fatores mencionados contribuem para o desenvolvimento de problemas psicológicos entre nossas mulheres e homens, devido à carga emocional e ao esforço para ocultar momentos difíceis de suas vidas. Experiências adversas na infância e ao longo da vida, como fome e violência, estão fortemente associadas ao surgimento de transtornos de ansiedade e depressão. Esses transtornos podem afetar a concentração, a capacidade de manter relacionamentos saudáveis e o desempenho acadêmico.

A análise das trajetórias revelou que muitos transtornos se intensificaram durante a faculdade devido à pressão acadêmica. Sem buscar cura, apoio e compartilhamento de histórias, é natural que a carga emocional eventualmente transborde, especialmente em ambientes universitários que muitas vezes reforçam essas dores. Sem um estado de bem-estar pleno, é desafiador para os estudantes realizarem suas atividades e desenvolverem suas aptidões.

6.5 COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM E CUIDADO INSTITUCIONAL

A criação de uma comunidade de aprendizagem inclusiva e acolhedora desempenhou um papel crucial em proporcionar um espaço seguro para vozes emergentes de mulheres amazônicas e homens diversos. Esta comunidade permitiu que esses sujeitos compartilhassem suas histórias e compreendessem suas dores em um ambiente de apoio mútuo.

Ao participarem dessa comunidade, os estudantes encontraram um espaço onde suas experiências e desafios foram reconhecidos e valorizados. Esse reconhecimento foi vital para que eles se sentissem seguros ao expor suas vivências e dificuldades, sem medo de julgamento ou exclusão. A capacidade de compartilhar suas histórias e desafios com outros que compreendem suas realidades contribuiu significativamente para o desenvolvimento pessoal e acadêmico desses estudantes. Eles não apenas encontram apoio emocional, mas também descobrem que suas lutas são entendidas e respeitadas.

Além disso, o envolvimento com essa comunidade permitiu revelarmos que muitos desses estudantes assumem papéis de liderança na academia e se engajam fortemente em pesquisas que refletem seus interesses. Suas bagagens únicas e suas perspectivas enriquecem o ambiente acadêmico, trazendo uma diversidade de experiências e conhecimento que é crucial para o avanço das áreas de estudo em que se envolvem. Estamos falando da permanência e do estímulo desses jovens na universidade.

Contudo, surge a pergunta fundamental: qual é o cuidado institucional direcionado a esses estudantes? Como são entendidas suas vidas e desafios dentro da universidade? É essencial que as instituições educacionais não apenas reconheçam a importância dessas contribuições, mas também se comprometam a apoiar os estudantes de forma adequada. Se a universidade falha em reconhecer e abordar as dores e desafios específicos enfrentados por esses estudantes, há um sério risco de que suas dificuldades sejam exacerbadas. Em vez de potencializar suas capacidades e oferecer um ambiente de crescimento, a universidade pode acabar intensificando suas dificuldades e inseguranças. Se a universidade adoece e alimenta uma cultura que silencia e opõe, então os juramentos profissionais não estão sendo honrados.

A análise da pesquisa revela uma lacuna significativa no cuidado institucional direcionado aos estudantes, particularmente no que tange à saúde mental. Para garantir que essas vozes emergentes possam prosperar, as instituições devem implementar políticas e práticas que não apenas reconheçam, mas também abordem ativamente os desafios que esses estudantes enfrentam. Isso inclui oferecer suporte psicológico, oportunidades de mentoria e redes de apoio que compreendam as especificidades

de suas experiências. As universidades devem criar espaços inclusivos e acolhedores, onde a diversidade é celebrada e as necessidades dos estudantes são atendidas de maneira proativa e eficaz.

Se a universidade falha em fornecer esse suporte e compreensão, então há um claro sinal de que algo está errado. A capacidade da universidade de potencializar o desenvolvimento dos estudantes e de apoiar suas jornadas acadêmicas e pessoais está diretamente ligada ao nível de cuidado e atenção que é dedicado a suas necessidades e desafios. Portanto, é crucial que as instituições se empenhem em criar um ambiente verdadeiramente inclusivo e de suporte, reconhecendo e valorizando as experiências únicas de todos os seus membros. Se pregamos a diversidade, então que sejamos diversos!

6.6 HONRANDO NOSSAS MÃES, AVÓS E BISAVÓS: A JORNADA DE RESILIÊNCIA E ESPERANÇA (ANCESTRALIDADE)

Ao refletirmos sobre o projeto que mapeou as trajetórias de estudantes que majoritariamente são mulheres, não podemos deixar de reconhecer e honrar as mulheres que estiveram ao nosso lado, não apenas nas histórias pessoais dos participantes, mas também na grande narrativa de resistência e superação que atravessa gerações. Mães, avós e bisavós desempenharam papéis fundamentais, enfrentando tempestades e sol inclemente, e carregando o peso das adversidades para que hoje pudéssemos ocupar nossos lugares como protagonistas de nossas vidas. Este reconhecimento é uma celebração da força dessas mulheres e uma homenagem às suas lutas silenciosas e heroicas.

6.7 A QUEBRA DO CICLO MARIA E A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO

O “Ciclo Maria” refere-se à repetição de padrões de pobreza e falta de acesso à educação enfrentados por muitas famílias, onde mães, avós e bisavós viram suas esperanças de ascensão social e educação se desvanecer diante das dificuldades sistêmicas. Muitas das nossas estudantes se deparam com o desafio de quase repetir os caminhos de suas antecessoras. No entanto, a busca por uma educação superior e o rompimento com esses ciclos são provas de uma determinação em transformar suas vidas e a de suas famílias.

Analizar e refletir sobre esse ciclo histórico é crucial, pois, apesar de ser um ponto de dor, também é um ponto de encontro. É necessário reconhecer os esforços das gerações passadas e entender como esses desafios moldaram as oportunidades atuais. Esse retorno é essencial para honrar o legado das mulheres que vieram antes de nós e para afirmar nossa resistência, garantindo que seus sacrifícios não sejam esquecidos. Para muitos participantes do projeto, a educação representa uma forma de romper com padrões históricos e criar novas possibilidades. Cada conquista acadêmica é uma reparação às que lutaram para abrir o caminho e uma oportunidade de construir um futuro diferente.

Honrar a memória das mulheres que não tiveram a oportunidade de se alfabetizar ou sonhar com a educação é um ato de reconhecimento e gratidão. Cada passo em direção ao sucesso acadêmico é também uma forma de honrar o legado dessas mulheres e garantir que seus sonhos não realizados sejam continuados por meio das conquistas das novas gerações. Às mães, avós e bisavós que enfrentaram desafios com coragem e perseverança, que trabalharam sob a chuva e o sol, e que sacrificaram tanto para garantir um futuro melhor para seus filhos e netos, vocês estão presentes aqui! Ao quebrarmos ciclos históricos e refletirmos sobre essas experiências, reafirmamos nosso compromisso com a transformação e o reconhecimento contínuo de seu legado. Este projeto, e cada conquista dentro dele, é um tributo às lutas e o ecoar de vozes-mulheres.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo nos mostrou a dimensão necessária de se promover espaços como ‘comunidade de aprendizagem’ para reconhecer-las em meio a tantos impasses acadêmicos. bell hooks, ancorada no pensamento de Paulo Freire, acredita que a construção da educação pode ser humanista, antirracista, anti-homofóbica, antissexista e seja capaz de reconhecer as vozes das pessoas, estimulando o senso crítico de si mesmos e da realidade em seu entorno. Reconhecer a própria voz, dizer a sua palavra é o caminho para criarmos pontes de cura e de liberdade para afirmação de histórias, o resgate de memórias e de lutas.

A análise dos dados recolhidos na pesquisa sobre a trajetória de vida de estudantes universitários destaca a complexa interseção entre suas experiências pessoais e seu desempenho acadêmico. Revelou que muitos desses estudantes enfrentam desafios severos e dores profundas, como traumas, a dureza da fome, violência, discriminações e preconceitos. Estas experiências moldam profundamente suas vivências na universidade e, consequentemente, sua atuação acadêmica.

Estamos falando de um contexto presente nas universidades, mas que refletem o nosso povo brasileiro para além desses corpos representados neste projeto. A fome, a violência, a marca do abuso sexual, a precariedade de assistência social e de saúde. É uma ordem que visa o progresso, ou uma ordem que visa o retrocesso? Que Brasil é esse? Somos donos de nossos sonhos, mas como sonhar se não conseguimos enxergar?

São debates que precisam ser proporcionados e pensados. Ações devem ser revistas e, principalmente, é essencial que políticas e práticas educacionais sejam desenvolvidas para reconhecer e mitigar esses desafios, proporcionando suporte adequado e recursos que possam ajudar esses estudantes a superarem barreiras e alcançar seu potencial máximo. As experiências relatadas destacam a necessidade urgente de um suporte mais humanizado e sensível às realidades enfrentadas por

estudantes que vêm de contextos como os apresentados, pois estamos falando de uma problemática real e alarmante dentro de nosso ICSEZ.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, F. P. Dizer a sua palavra. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 144-146.
- COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- HOOKS, B. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, B. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, B. Erguer a própria voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, B. A gente é da hora: homens negros e masculinidade. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.
- SOUZA, E. C.; PASSEGI, M. C.; VICENTINI, P. P. (org.). Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba: CRV, 2013.